



N. 1-60

Coordenador: Major AMERINO RAPOSO FILHO,
Instrutor da ECEME

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

1. A MANOBRA NA GUERRA

Cel Golbery do Couto e Silva.

2. A ARTE DA GUERRA E A TÉCNICA

Gen Ailleret, do Ex Francês

(Tradução do Cel Álvaro Lúcio de Areas).

II — ORGANIZAÇÃO

A "REICHSWEHR" DE VON SEECKT

Ten-Cel Henrique Oscar Wiederspahn.



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenómeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenómeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operativo em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

1. A MANOBRA NA GUERRA

Cel GOLBERY DO COUTO E SILVA.

Prefácio do livro "A Manobra na Guerra", a sair brevemente na Coleção Mensal da Biblioteca do Exército, versando sobre aspectos estruturais e evolutivos desse princípio de guerra, dos mais expressivos — senão o de maior relêvo — nas diferentes Doutrinas Militares.

No estudo da arte da guerra — setor das operações terrestres —, não há, por certo, capítulo mais interessante e fecundo do que o relativo à MANOBRA, tal como concebida e realizada, através dos tempos, pelos grandes Capitães, desde que aí se busque, sobretudo, caracterizar-lhe a própria essência imutável, discernir-lhe os elementos fundamentais que a estruturam e informam, deduzir constantes e identificar variáveis em seus respectivos campos de variação, traçando-se, a par de tudo isso, com a mais ampla latitude e sob clara ordenação lógica, uma verdadeira "tipologia da manobra".

Duplamente valioso se nos afigura tal esquema geral, muito menos como simples ensaio de classificação, antes, pelo seu indiscutível alcance interpretativo e potência resolutória de conceitos ainda e sempre nebulosos. Capítulo de genuína filosofia da arte da guerra, será imprescindível de todo, sem dúvida, a uma justa compreensão da estratégia e da tática militares, consideradas que sejam, apenas, no próprio estágio definido pelas doutrinas atuais. Mas, além disso, constitui poderoso e insubstituível instrumento de análise para a investigação, mais ou menos profunda, de quaisquer casos históricos que se desejem examinar — sejam apenas, com vistas à sua classificação, com o que, vale bem salientá-lo entretanto, não se lhes terá, em verdade, simplesmente atribuído uma etiqueta melhor ou pior ajustada, mas, ao contrário, em fazendo-o, pôr-se-á, desde logo, em relêvo larga série de analogias; seja em grau bem mais adiantado, para responder a indagações várias, tôdas de inegável significação histórica: por que foi tal tipo de manobra adotada, nas circunstâncias consideradas, de preferência a outro? quais as reações que ocorreram na emergência, dando à aplicação feita o caráter de unicidade que lhe empresta a categoria de fato histórico inconfundível? Que fatores terão pesado, favorável ou desfavoravelmente, nos resultados efetivamente alcançados pela manobra? Que tipos de manobra se defrontaram e até que ponto se fizeram sentir as virtudes e debilidades iminentes a cada um? etc...

Ora, o ensaio com que nos brinda, agora, o Major Amerino Raposo Filho, estruturado sobre a base sólida de sua reconhecida cultura profissional e seu não menos profundo conhecimento de história militar, res-

ponde brilhantemente a preocupações daquela ordem. Desnecessário, pois, seria ressaltar-lhe a evidente utilidade.

Acresce, porém, que próprio dêesses estudos de natureza histórica, sobretudo quando se aplicam à criação artística — e a manobra real, em oposição à manobra típica ou modelos deduzidos pela análise, é a obra de arte que o gênio militar produz, manejando armas e homens e combinando forças, no próprio teatro de operações — é exigirem reformulações interpretativas pelas diversas gerações que se sucedem, nas diferentes áreas de cultura. Nunca estará completamente esgotado o tema fecundo, pois, em cada obra-prima da arte do passado, o novo analista, sob o influxo das dominantes psico-sociais da época em que se formou, e do meio em que vive, será sempre capaz de discernir aspectos não de todo percebidos dantes, iluminando pormenores até então como que obscurecidos e dando ênfase vivificadora a planos nada mais que esbatidos, graças à nova perspectiva em que se colocará, e aos módulos distintos que será levado a adotar. O Napoleão de Clausewitz e de Foch, impaciente sempre por travar a batalha decisiva, nunca poderia ser o mesmo se visto sob a perspectiva estratégica de um Liddel Hart, dominada esta pelo conceito de “aproximação indireta”. Segundo a tradição do velho Moltke de Sadowa, Von Schlieffen só veria em Aníbal o mestre da batalha de aniquilamento de Canas, ao elevar esta ao plano de modelo supremo de toda uma doutrina monolítica da violência; e, assim, não deixaria de permanecer como que nos bastidores o genial Aníbal do Trasimeno e do Trébia, o mágico inigualável da astúcia, do ardil, do estratagema inteiramente imprevisível, do engano desmoralizador e mortal. Fábio, o Cunctator, ver-se-ia, por largos séculos, relegado ao padrão inferior de mestre, embora inegável, de uma arte menor e ancilar; e, não obstante, quanto nos terá a ensinar agora, nesta época chocante de “guerras em superfície” em que o furto de ações decisivas e o infligir ao adversário sucessivos pequenos golpes debilitadores constituirá, na maioria dos casos, a quinta-essência da arte. As manobras-relâmpagos de Genghis Khan e seu lugar-tenente Sabutai só viriam a receber a atenção merecida e a ser realmente compreendidas e admiradas quando gerações recentes, alertadas pelos êxitos espetaculares dos blindados alemães desde a campanha fulminante da Polônia, se deram conta, afinal, da subversão que pode causar uma repentina multiplicação do fator “mobilidade”.

Assim sendo, cumpre levar-se a efeito, em cada época e em cada país, à luz das características específicas do problema estratégico que desafia as respectivas gerações e deve, portanto, nortear toda a preparação para a guerra, uma reinterpretação válida e realmente útil da história militar. E daí à reformulação da própria doutrina da manobra — será o passo imediato.

Sem dúvida, em tais condições e considerada a evolução, dia a dia mais acelerada, da arte militar no setor da técnica do armamento e material de toda ordem, a qual vem determinando profundas modificações na organização das forças e na tática de seu emprego, a história cada

vez menos poderá fornecer ensinamentos de substancial valia no que se refere a êsse campo, restringindo-se mais e mais seu concurso ao domínio das concepções, sobretudo, estratégicas.

Nesse particular, o moderno conceito de Estratégia Geral, como arte de aplicação do instrumento integrado que é o Poder Nacional, nos vários campos de ação que se lhe oferecem — o político pròpriamente dito, o psico-social, o econômico, a par do estritamente militar — está a exigir:

— de um lado, que se reformule, em tal âmbito mais ampliado e sem dúvida mais fluído, a tradicional tipologia da manobra deduzida da experiência militar através dos tempos, caracterizando-se manobras centrais e manobras de ala em que se combinem, sob a égide dos mesmos princípios ainda dominantes — o da economia de meios e o da concentração de esforços, bem como o da surpresa, para salientar os principais — ações a empreender, não mais em partes distintas de uma mesma frente de batalha ou frentes diversas de um mesmo espaço estratégico de manobra, mas sim em campos qualitativamente diferentes, combinando, por exemplo, uma ação de fixação ou desgaste no campo militar com uma ação em força no setor político ou na frente econômica;

— e, de outro lado, como consequência mesmo do que acima foi dito, que se deixe de querer enxergar na batalha o fim último e único da estratégia militar, reconhecendo-se, de pleno direito, ao lado de uma arte em “tom maior” que vise ao aniquilamento direto das forças militares inimigas através do embate violento e cruento, a existência de uma outra estratégia — em “tom menor”, digamos assim, — na qual se objetivam resultados menos espetaculares, da manobra dos Exércitos e Esquadras, buscando-se a decisão, por aproximação indireta, em campo distinto do militar.

Na verdade, seria bem o caso de se clarearem as idéias e precisarem conceitos, estabelecendo, desde o início, o que também mereceria o nome de “tipologia da estratégia”, distinguindo-se três modelos ou padrões plenamente caracterizados:

- o da estratégia do forte contra o fraco;
- o da estratégia do fraco contra o forte;
- e o da estratégia entre equipolentes.

As considerações que vimos de esboçar, ao parecer, nos afastariam do objetivo dêste prefácio, se o trabalho do Major Amerino Raposo Filho não as houvesse, em realidade, motivado, pela riqueza de sugestões que nêle se contém, espessas em meio à penetrante perspectiva que nos oferece da guerra terrestre através dos tempos e, sobretudo, no capítulo final em que, mais do que levantar indagações oportunas, já a elas responde com sagaz visão do futuro que se aproxima. E tudo isso, impulsionado por um sentimento profundo de que qualquer estudo de estratégia ou história militar deve sempre ser orientado por preocupação objetivas com o problema estratégico que nós próprios enfrentamos, em nossa própria época e em nosso próprio país.

Mas o leitor que julgue melhor, por si só, lendo e meditando as páginas densas que se seguem.

HISTÓRIA MILITAR E DOCTRINA MILITAR

"A profissão militar, mais do que qualquer outra, depende necessariamente da interpretação inteligente do passado, como preparação para o futuro. Impossibilitado, em tempo de paz, de exercer praticamente sua profissão, o soldado vê-se compelido a explorar ao máximo os ensinamentos da História, com o objetivo de manter-se preparado e em condições de, numa emergência, desobrigar-se com acerto de suas atribuições. Os ensinamentos colhidos mediante a análise dos fatos históricos são aplicados às condições do presente e do futuro próximo, visando obter a síntese perfeita dos métodos, das organizações e da doutrina".

(Gen-Ex DOUGLAS MAC ARTHUR)

—:—

"Aquêle que escreve sôbre Estratégia e Tática devia convencer-se a ensinar uma Estratégia e uma Tática nacionais, únicas suscetíveis de ser proveitosas à Nação para a qual se escreve".

(VON DER GOLTZ)

—:—

"Tratemos de estudar e ensinar a Guerra. Antes de empreender êste estudo, é mister determinar de um modo preciso de que guerra falamos. Estamos todos de acôrdo com o tema representado pela palavra Guerra. Se não estivermos, se não perseguirmos a análise da mesma idéia, produzem-se de imediato falsas interpretações e, por conseguinte, erros. Fixemos, pois, agora os caracteres gerais da Guerra, em particular seu objeto e seus meios, o modo racional como deve atingir-se o objetivo, na França de agora, para encontrar nesse estudo as bases de nossa conduta, quer dizer, nossa tática".

(FOCH)

2. A ARTE DA GUERRA E A TÉCNICA

Gen AILLERET, do Ex Francês

(Tradução do Cel ALVARO LÚCIO DE AREAS)

Os Altos Comandos aliados, naquela época, tinham confiança muito limitada nos novos engenhos, de que não eram os inventores, apenas dos resultados animadores obtidos nas experiências nos terrenos de manobras; assim, desde que os primeiros carros saíram das fábricas, sem esperar pela constituição de uma massa sólida de unidade, decidiram empregá-los na frente, no decorrer de ataques clássicos, com preparação de artilharia. A 15 de setembro de 1916 foram empregados, nestas condições, os carros ingleses na batalha do Somme e os franceses, em número relativamente limitado, na ofensiva de 16 de abril de 1917, sempre em condições diferentes daquelas para que tinham sido concebidos e em número muito pequeno para exercer uma influência decisiva na batalha; suas qualidades permaneceram discutíveis.

Mas o efeito da surpresa técnica foi nulo. Alertados por essas modestas aparições de blindados e prevendo o perigo de que esses carros fossem empregados em massa, com uma tática inteligente, os alemães reagiram. Iniciaram, imediatamente, o estudo de um fuzil anticarro de 13 mm, que entrou em serviço em 1918. Mas, sem esperar pela fabricação desse fuzil, tomaram medidas imediatas, como a utilização da artilharia de campanha em ação anticarro e o alargamento das bocas das trincheiras, para torná-las superiores à capacidade de transposição dos carros. Quando estes aparecerem em massa, já não puderam beneficiar-se da surpresa, que tanto teria aumentado sua eficiência.

Nestes dois exemplos, as novas armas postas em serviço não puderam obter o rendimento inicial que lhes poderia caber pelo efeito da surpresa técnica. No primeiro caso, porque a despeito das precauções tomadas, o segredo foi em grande parte desvendado pelos serviços de informações aliados. No segundo caso, porque o emprêgo intempestivo do novo meio, em condições em que sua utilização não poderia conduzir a nenhum resultado prático importante, advertiu o inimigo do perigo que o ameaçava.

As duas regras essenciais da surpresa técnica decorrem do exame desses dois exemplos. A primeira, de aplicação relativamente fácil, por isso que é toda de execução, consiste em manter um segredo rigoroso sobre toda invenção nova, utilizável na guerra. A segunda, muito mais difícil de obedecer, por isso que põe em jogo a própria concepção das operações militares, consiste em só utilizar uma nova arma, com plena consciência do seu valor e quando se dispõe de quantidades suficientes para poder obter de seu emprêgo por surpresa, um resultado de grande importância, senão decisivo.

A manutenção do segredo relativo aos estudos e pesquisas de material de guerra, de há muito está consagrada. Este segredo obtem-se, evidentemente, pela discrição e pela luta contra os agentes de informação inimigos. Note-se que complicação da maior parte dos estudos do material moderno, torna muito mais difícil a espionagem, bastando para isso, algumas medidas de organização do trabalho técnico.

Foi assim que durante os estudos dos engenhos autopropulsados, os alemães dividiram os trabalhos em problemas, e cada problema um subproblema. Cada equipe de pesquisadores recebia uma tarefa precisa e limitada. Os indivíduos interessados na pesquisa, ignoravam as grandes linhas do problema de conjunto em que trabalhavam, e mesmo a finalidade imediata de seu trabalho. Trinta por cento dos sábios alemães, conforme estimativa do Dr. Stenhif, chefe do Centro de Peenemund, colaboravam de uma forma ou de outra no desenvolvimento dos foguetes, sem saber para o que trabalhavam. A Dra. Schwartz, técnica de balística, enquanto executava os cálculos com os dados que lhe eram fornecidos, não sabia a que tipo de projétil seriam aplicados, no caso, a V2.

Na preparação da bomba atômica, os primeiros estudos ingleses foram disfarçados como "estudos sobre ligas metálicas", da mesma forma que vinte anos antes, as pesquisas sobre os primeiros carros blindados, foram disfarçadas sob o título: "reservatórios" (tanques). Na América, as pesquisas atômicas tomaram o pseudônimo de "lavatório metalúrgico". Durante os trabalhos, as diversas usinas foram compartimentadas, de forma, que cada uma delas não dispusessem senão uma parte ínfima do segredo total.

Nos Estados Unidos, durante os trabalhos de estudo e fabricação das espoletas de proximidade, para evitar as indiscrições, chegaram ao ponto de não distribuir as recompensas a que fizeram jus os técnicos encarregados da pesquisa.

Quando postas em ação as novas espoletas, foram proibidos os tiros sobre terra firme, para impedir que alguma delas caísse intacta nas mãos do inimigo ou de seus agentes. Esta prescrição só foi suspensa quando os alemães iniciaram os ataques sobre Londres e portos de embarques com a V1. Desde aí, as espoletas puderam ser empregadas pelas baterias de DAA ao Sul e SE da Inglaterra.

Também os russos induziram os alemães a erros de julgamento sobre sua preparação material antes de 1941, graças à sua costumeira capacidade de manutenção do mais absoluto sigilo. Na Finlândia como na Polónia as unidades do exército vermelho, que podiam encontrar curiosos susceptíveis de se interessar por seu armamento, só estavam providas de material deficiente e já ultrapassado.

As informações referentes a esse material foram as únicas que os alemães puderam obter, pois nenhuma espionagem era possível na URSS, além de algumas fotografias tomadas durante as "paradas" da Praça Vermelha.

Quando a Wehrmacht enfrentou, no verão de 1941, materiais que embora de concepção clássica, eram muito mais modernos, sofreu a surpresa técnica, porque esperava encontrar material muito inferior e estava provida de meios, apenas para combater este último.

A segunda regra, para que a surpresa seja efetiva, ou seja, a de não empregar uma nova arma senão no momento oportuno em que se possa obter o máximo rendimento e em número suficiente para que seus efeitos sejam decisivos, tem sido freqüentemente esquecida, como no caso do emprêgo dos carros, pelos aliados, na 1ª Grande Guerra.

Quando bem aplicada, esta regra dá resultados consideráveis.

Em 6 de novembro de 1939 por exemplo, tendo já em condições de emprêgo e em número suficiente as minas magnéticas, os alemães as lançaram em massa no estuário do Tâmisa. Surpresa total, porque essas minas não tendo cabo de fixação, não podiam ser dragadas pelos processos ordinários. Os canais do Tâmisa transformaram-se rapidamente em cemitério de navios. Foi por um feliz acaso que as conseqüências da surpresa puderam ser reduzidas. Com efeito, uma dessas minas derivou e atingiu um banco de lama amolecida, onde foi descoberta na baixa-mar e pôde ser recolhida intacta em 20 de novembro de 1940

As minas dispunham de antenas de contacto que faziam explodir o engenho que porventura desse à costa e assim, não poderiam ser apanhados intactos. Uma vez conhecida a natureza da mina, a contra-medida foi fácil; "desmagnetizaram-se" os navios e imaginaram-se dragas magnéticas. Faziam mesmo explodir as minas pelo magneto "Fling" enorme eletroímã de mais de duas toneladas, transportado por um avião "Wellington", que passava em vôo rasante sobre os canais a limpar.

A entrada em serviço dos radares métricos ASV em 1941, provocou baixas catastróficas nas fileiras dos submarinos alemães. Estes, desde que viessem à superfície, eram assinalados e conseqüentemente ficavam sujeitos à destruição. Foi preciso que em 1942, um ASV em condições de funcionamento, caísse nas mãos da Marinha de Guerra alemã, para que esta concebesse uma contramedida que consistiu em dotar os submarinos de um réceptor-detector de ASV, que indicava sua presença. Esta solução só teve efeitos provisórios, porque os ingleses substituíram as ondas centimétricas por ondas métricas e os receptores alemães não funcionaram mais.

O emprêgo dos "windows" (cortina de partículas metálicas), dá igualmente um exemplo da introdução oportuna de um meio de combate. Os grandes "raids" aéreos do início de 1943 sobre a Alemanha, fizeram com que esta reagisse e reorganizasse, particularmente, sua defesa radar.

As perdas em bombardeiros tornaram-se proibitivas. O meio de paralisar esta defesa já havia sido imaginado, mas ainda não fôra pôsto em prática, pelo receio de que conhecido pelo inimigo, pudesse ser empregado por ele nos ataques sobre a Inglaterra, caso fossem retomados. Tratava-se dos "windows", depois tornados célebres. A decisão de

utilizá-los foi tomada, e dada sua importância, a ordem foi expedida pelo próprio Winston Churchill e foram pela primeira vez empregados no decorrer das grandes operações contra Hamburgo; em julho de 1943, provocando tal confusão na organização da alerta eletromagnética inimiga, que as perdas em bombardeiros caíram a uma taxa ínfima, só voltando a crescer alguns meses mais tarde.

Um outro exemplo: o ataque dos Kamikase japoneses, custou muito caro à Marinha americana e por pouco não paralisava sua liberdade de ação. O emprêgo em massa dos aviões-suicidas contra os navios-aeródromos americanos nas operações de outubro de 1944, nas costas das Filipinas, obteve, graças à surpresa, efeitos consideráveis.

Uma dúzia de navios-aeródromos foram em poucos dias afundados ou postos fora de combate por longos meses. Os americanos não esperavam que os aviões inimigos adotassem uma tática de tal precisão, nem serem atacados em zonas tão afastadas das bases, que os aviões que devessem voltar a elas, tivessem raio de ação suficiente. Foi necessário um certo tempo à marinha americana para reagir, pela instituição de cadeias de destróieres, equipados com radar e articulados entre os NA a proteger e as bases dos Kamikase. Muitos destróieres foram destruídos nesta proteção, entretanto, o mais importante a assinalar é que a surpresa do emprêgo em massa dos Kamikase, por pouco não provocou a parada das operações combinadas, então em curso nas Filipinas.

A própria bomba atômica, que foi uma surpresa integral, não teria sido empregada de maneira lógica e eficaz, se o Japão já não estivesse praticamente vencido. Sabe-se que os Estados Unidos, nesta época, só dispunham de um número reduzido de bombas, que não poderiam, só por elas, obter a decisão contra um adversário em plena posse de seus meios defensivos normais. A manobra lógica a realizar pelos EUA, nesta última hipótese, deveria ser a de acumular, sob o maior sigilo, um número suficiente de bombas para que seu emprêgo, concentrado no tempo, pudesse destruir de um só golpe uma parte importante do potencial de guerra japonês e obter um resultado decisivo, antes que o inimigo pudesse, progressivamente, adaptar seus meios de defesa ativa e passiva.

IV — INCIDÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO DOS QUADROS DO EXÉRCITO

Até aqui examinamos as consequências da técnica moderna sobre certos problemas militares, em particular sobre o da adaptação da organização das forças armadas à evolução do armamento e à utilização desta evolução como um meio de obter superioridade sobre o adversário.

Pode-se concluir que a formação dos quadros deve ser então concebida de forma a lhes assegurar a técnica necessária.

Um alto grau de tecnicidade impõe-se aos oficiais encarregados das experiências de material e aos chefes e auxiliares a quem cabe a responsabilidade de coordenar a estratégia, a tática e a técnica.

Mais ainda numa época em que os engenhos de guerra perdem cada vez mais sua simplicidade e quando um material de manejo delicado é entregue ao combatente, há um interesse evidente em que se eleve cada vez mais o nível técnico médio dos quadros que vão empregar esse material.

Cabe, então, encorajar ao máximo os oficiais das armas a adquirir uma sólida formação técnica, além de sua formação de base.

Um bom oficial de tropa, assim como um bom oficial de estado-maior, que se esforça por adquirir uma boa formação geral técnica, volta à sua arma em muito melhores condições, adquirindo não só conhecimentos diretamente úteis, como um método de encarar objetivamente os mais diversos problemas militares.

Contra esse programa lógico, que consiste em levar os melhores oficiais a aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos, há sérios obstáculos.

De um lado, pode acontecer (1) que certos técnicos civis não sejam favoráveis ao desenvolvimento da técnica entre a generalidade dos militares. Há os que têm uma tendência a sentir-se inquietos pela presença no Exército, de um número importante de indivíduos capazes de compreender o que eles fazem e de julgar, com base, os resultados de seu trabalho. Vejamos o que disse sobre isso um alto oficial do Reich: "Alguns industriais preferiam entender-se com oficiais que na entendiam de técnica e que os deixavam fazer o que queriam, do que com oficiais técnicos, que podiam discutir de maneira crítica".

Este ponto de vista é evidentemente absurdo. Só há alguns poucos indivíduos, mal intencionados ou pouco seguros de si mesmos, em contraposição à grande maioria dos técnicos civis, que preferem discutir as questões de armamento com militares que falem a mesma linguagem que eles, o que é ainda a melhor maneira de boa e rápida compreensão. O que é necessário é que exista uma perfeita separação de funções e responsabilidades, para que o trabalho de cada um seja bem definido, evitando toda confusão.

Mas é no setor militar que se manifestam as maiores dificuldades para obtenção do almejado nível de tecnicidade militar; particularmente entre os melhores oficiais. Essas dificuldades derivam de razões históricas, tradicionais e sentimentais. Constata-se que os oficiais que se dedicam à questão de técnica, tendem a formar uma categoria à parte — os oficiais técnicos. Isto traz inconvenientes porque impede uma osmose permanente e indispensável entre tática e técnica e faz mesmo com que os primeiros considerem os segundos como uma espécie de classe diferente.

Utilizemos ainda o já citado exemplo alemão: Os oficiais técnicos do exército alemão tiveram dificuldades no progresso natural de suas car-

(1) N. T. — O autor está encarando o problema em França e para condições francesas.

reiras. A técnica era solicitada ao máximo, mas não era bem vista e sua função era menosprezada, por não se coadunar com as características do "guerreiro". A técnica não era convenientemente considerada nem pelo comando, nem pelos quadros de tropa ou de Estado-Maior. Era subestimada. O próprio General Jodl, chefe da Seção de Operações do Grande Estado-Maior, declarou que apesar da importância que se reconhecia à técnica, os oficiais técnicos eram prejudicados em seu conceito e em seu acesso.

Reconhecia-se uma superioridade entre certo grupo de técnicos sobre os demais militares e assim, foi necessário, num dado momento, escolher chefes entre os que mais sabiam e não apenas entre a nobreza (2) que constituía os quadros da Cavalaria, conforme a tradição. Diziam entretanto que a técnica habituava os oficiais a raciocinar longamente, fixar-se em minúcias e conseqüentemente, atrofiava a energia e o espírito de decisão. Dizia-se ainda que a técnica levava a depositar exagerada confiança no material, desprezando as forças morais.

A verdade é que em muitos países, os militares ainda não compreenderam bem, a que ponto chegou a necessidade de que eles se interessassem na formação de técnicos. A formação clássica militar leva-os ainda para as formas tradicionais da arte militar, que lhes parecem mais elevadas e as únicas dignas de atenção. Além disso, é necessário um esforço intelectual muito maior para adquirir uma formação geral técnica importante, do que para adquirir uma formação tática equivalente, particularmente para os oficiais que não possuam uma sólida cultura científica de base, e este esforço afasta grande número de interessados. Por isso, é ainda relativamente pequeno o número de oficiais que se dedicam a estudos técnicos superiores. (3).

Podemos considerar demonstrado, ultrapassado esse estágio, que é necessário que os chefes superiores e seus auxiliares imediatos tenham uma formação geral técnica, que só pode ser obtida por participação direta, durante algum tempo, em experiências e estudos técnicos.

— que interessar-se pela técnica é uma excelente forma de preparação para os oficiais que se destinam aos altos comandos e aos postos importantes nos Estados-Maiores.

— que é essencial que as experiências de que depende a escolha definitiva do material e a última palavra sobre elas, sejam executadas por oficiais com a dupla capacidade de táticos e técnicos.

Enfim, mesmo fora do aspecto da função dos militares na concepção e na criação de novos armamentos, é necessário que o nível técnico geral de um exército seja o mais elevado possível uma vez que agora são freqüentemente postos em serviços aparelhos muito diferentes dos an-

(2) N. T. — O autor refere-se ao Exército Alemão.

(3) N. T. — O autor, por suas funções no Exército Francês, refere-se particularmente à eletrônica.

teriores e de complexidade cada vez maior. Não apenas as armas técnicas o são; tôdas as armas tornam-se técnicas. Conseqüentemente, só um exército com mentalidade técnica pode adaptar-se a êste novo material, no ritmo de sua evolução e tira dêle todo o rendimento de que é capaz.

A fórmula que corresponde ao estado atual da civilização é aquela em que o nível técnico geral dos quadros do Exército é o mais elevado possível e no qual uma forte proporção de oficiais de valor é orientada para uma formação geral técnica.

Este resultado será tanto mais fácil de atingir, quanto mais orientarmos resolutamente a formação básica intelectual dos quadros no sentido científico. A noção de cultura geral sôbre a qual repousa esta formação, não pode ser permanente e deve ser revista periódicamente. Será uma cultura geral arcaica, se persistir em conservar-se no que foi a meio século atrás, isto é, a consistir numa vaga cultura de luxo, com base literária e mais ou menos filosófica. Ela deve modificar-se ao ritmo do desenvolvimento dos conhecimentos humanos. É muito mais grave no momento atual, não distinguir um Volt de uma Ampere que pensar que o Pireu é um homem.

Os conceitos emitidos nos artigos assinados em a SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR, são da exclusiva responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, orientação da Diretoria da Revista.

Os originais publicados poderão ser transcritos, salvo quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e o autor.

A correspondência para SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR deverá ser endereçada a:

Maj Amerino Raposo Filho

"A Defesa Nacional"

Ministério da Guerra — Rio de Janeiro — Brasil.

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gal Tasso Fragoso.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fragoso.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.
- 7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragoso.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Fragoso.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionísio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.
- 17 — CAXIAS E NOSSA DOCTRINA MILITAR — Maj Amerino Raposo Filho.

II — ORGANIZAÇÃO

A "REICHSWEHR" DE VON SEECKT

Tenente-Coronel HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

NOTA DO REDATOR

Todos quantos lutamos pela modernização do Exército em moldes que efetivamente atendam às necessidades da Guerra Moderna, às suas variadas formas e peculiaridades, sobretudo quando se percebem os tremendos impactos da Ciência e da Técnica no campo operacional militar. Todos, que vimos focalizando aspectos conceptuais, de planejamento e organizacionais para nossas Forças Terrestres, tendo em vista fundamentalmente suas finalidades constitucionais, sem descuidar, como é óbvio, dos compromissos no quadro mundial. Enfim, quando o pensamento militar atual se debruça diante do complexo problema da Guerra, visando a uma reformulação doutrinária, que considere precipuamente a realidade militar brasileira, em suas diferentes áreas geoestratégicas, impõe-se, como da maior importância, considerar fenômeno semelhante vivido pelas potências, mais expressivas, inspiração que avulta de relêvo, quando o modelo se configura no caso das Forças Armadas alemãs, que emergiam do completo caos de 14/18, e o Tratado de Versalhes ali estava a policiar sua reestruturação.

Muito mais significativo que o estudo anterior — do "Exército Profissional de CHARLES DE GAULLE", publicado nos dois últimos números de nossa revista a presente análise do "Reichswehr" se apresenta, no entanto, inteiramente análoga, quanto ao período e finalidade profissional; porém, denunciando uma experimentação vivida, testada nos campos de instrução. E, mais que isso, produzindo pouco depois aqueles frutos que se destacam precisamente porque o sonho de DE GAULLE não pudera concretizar-se.

E, pois, com grande satisfação que encarecemos a máxima atenção de nossos camaradas das Forças Armadas, para esse trabalho, de grande serventia, particularmente para os oficiais de Estado-Maior. Para que vejam o que vale o idealismo de alguns chefes militares, a vontade de estruturar as Forças Terrestres em moldes modernos e atendendo às verdadeiras necessidades da Estratégia Nacional a ser empreendida.

Foi assim, que um chefe extraordinário como o General Von Seeck, conseguiu que o Exército alemão, "oficialmente criado e organizado em 1920", e "sujeito a toda sorte de proibições":

- se reestruturasse em bases essencialmente profissionais;
- cumprisse sua "missão constitucional nos quadros da chamada República de Weimar";
- se tornasse uma estrutura apolítica e, pois, inteiramente desligada da política partidária;
- aproveitasse o entusiasmo dos quadros mais jovens, que lutavam por um Exército profissional e de alta eficiência;
- se constituísse, enfim, naquela poderosa massa motomecanizada de 100.000 homens, autêntico "rochedo de bronze", dotado de alta eficiência e mobilidade operacional.

Graças à atuação do General Von Seeck o Exército, que para ele, "serve ao Estado, e só ao Estado, porque ele, representa o próprio Estado; donde o Exército deve ser político quanto à compreensão estrutural do Estado, mas, em hipótese alguma, ligado à política dos partidos", pôde anular a vaidade, a ambição e, sobretudo, a mentalidade complexada e frustrada de Generais como Wilhelm Groener. Quando afirma que "certos chefes militares de renome, costumam decair quando se deixam envolver pelas redes da política partidária e pelas próprias ambições pessoais de mando", certamente se referia ao General Groener. E, impressionante o confronto:

- Von Seeckt, inteiramente afastado da política, oficial de Estado-Maior modelar e eficiente, planejador e organizador, queria um Exército altamente profissionalizado.
- Groener, chefe ambicioso, pretendendo transformar o Exército "em arma de sua política pessoal e, não, exclusivamente da Defesa Nacional".

O trabalho, tão oportuno, do Ten-Cel Wiederspanh, envolve, na verdade, aspectos dos mais relevantes relativamente à Direção e Chefia das Forças Terrestres, muito úteis a quantos, como nós, vimos debatendo problemas de estruturação doutrinária da Organização Militar Brasileira.

— Que lições poderemos nós inferir do estudo altamente significativo do Tenente-Coronel Wiederspanh?

— Que vantagens advirão para um Exército inteiramente voltado a seus misteres profissionais, consagrado aos problemas da Segurança Nacional, da preparação dos quadros e da tropa, da organização e, mesmo, do adestramento?

- Devemos olvidar lição tão expressiva, como a do Exército Alemão ou, ao contrário, acompanhar a amarga experiência do Exército Francês?

O que o General Charles De Gaulle poderia ter sido na França de antes de 1940, outro conseguiria na Alemanha, não sem antes sofrer tôda sorte de oposições, algumas rudes e mesmo irreverentes e que fariam fraquejar outro espírito menos empreendedor, menos tenaz e mesmo menos teimoso e combativo que o do depois General Heinz Guderian, "o mago dos blindados"! Desenvolvendo e dando forma concreta às idéias de Fuller e de Liddel Hart quanto às possibilidades de um emprêgo autônomo dos blindados e bem mais feliz que centenas de outros inovadores, caber-lhe-ia a glória e a satisfação de preparar, organizar e mesmo planejar e comandar as primeiras operações de convergadura com os seus blindados alemães, não só em manobras, como também na ocupação da Áustria, da região dos Sudetos e do restante da Tcheco-Eslováquia e nas campanhas vitoriosas na Polônia e na França! E se influência francesa houve em tudo isto, o seria apenas por força da imposição das cláusulas desmilitarizantes francesas do Tratado de Versalles, de 1919, reduzindo o poderio do vencido alemão àquele muitas vêzes citado pequeno exército de somente 100.000 homens, constituído de voluntários a longo prazo de serviço e destinado exclusivamente à manutenção da ordem interna e à segurança de suas fronteiras, ao longo das quais se conservariam concentradas, sempre prontos a uma nova intervenção militar, os então moderníssimos e imensos exércitos de franceses, belgas, tchecos e poloneses, perfeitamente armados e equipados, de caôrdo com a época!

Este novo exército, a "Reichswehr", sujeito a tôda sorte de proibições quanto a material pesado de artilharia, estoques de reserva de armamento portátil de repetição e automático e até de equipamentos, sem aviação e sem carros de combate sôbre lagartas, dotado unicamente de artilharia de campanha inferior ao calibre 150 e de autometralhadoras e caminhões de transporte blindados, estreara contra bandos de irregulares poloneses no Leste. Alguns e seus elementos, oficiais e graduados, proviriam dos chamados "corpos francos" alemães que, voluntariamente haviam auxiliado os novos estados bálticos contra diversos assaltos bolchevistas, na mesma época em que generais franceses cooperaram vitoriosamente com o novo exército regular polonês contra uma perigosa invasão soviética em 1920. No interior tropas da nova "Reichswehr" sufocariam diversas rebeliões, tanto comunistas no Ruhr como monarquistas restauradoras em Berlim e na Baviera, além de outros tantos motins provocados por extremistas da esquerda em alguns dos centros vitais do país. Foi graças à sua atitude firme quanto à fidelidade aos seus superiores hierárquicos que fracassaria em Munich, uma intentona restauradora de monarquistas bávaros e de nazistas, o famoso "putsch" de 9 de novembro de 1923 chefiado pelo general Erich Ludendorff, herói nacional da guerra anteriormente perdida, e pelo estreante político Adolf Hitler!

Esta "Reichswehr" de efetivos e armamento limitados, desprovida dos recursos normalmente obtidos por força do serviço militar universal e obrigatório, sistema proibido pelo Tratado de Versalles, com

o apoio de praças ou regiões fortificadas, logicamente teria que procurar os únicos meios compatíveis permitidos para o cumprimento razoável de sua missão constitucional nos quadros da chamada República de Weimar. Numa república parlamentar, com ministros políticos responsáveis perante os partidos políticos e seus representantes no "Reichstag" (câmara de deputados), em governos tão descontínuos e flutuantes como os da própria França republicana desde 1871, em idêntico regime parlamentarista, não seria admissível uma delegação dos poderes de comando supremo constitucionais do Presidente da República em proveito de tais ministros de pastas militares, sob pena de uma completa subversão institucional das forças armadas que passariam ao controle efetivo da política partidária. Somente no caso de ministros nomeados pessoal e livremente pelo Presidente da República e não após conchavos políticos momentâneos, isto é, nos regimes presidencialistas, é que um ministro de pasta militar poderia assumir o exercício de comando superior por delegação constitucional, como é o nosso atual caso brasileira. A queda do Império entre nós deve-se não pouco ao fato de haver um ministro da guerra parlamentarista pretendido atribuir-se poderes de comando superior efetivo, gerando o chamado "caso militar" de 1889!

As lutas havidas na República de Weimar desde 1920, quando fôra oficialmente criado e organizado a "Reichswehr" e um ministério da Defesa Nacional, principalmente no período da gestão ministerial do general Wilhelm Groener, conhecido como o maior técnico de estado-maior sobre assuntos de transportes militares em vias férreas e como escritor e historiador militar alemão, visando neutralizar completamente a autoridade hierárquica suprema do Presidente da República e mesmo a do chefe superior do exército em proveito próprio, apenas aumentariam aquela antipatia e hostilidade que se generalizara contra sua pessoa desde os sucessos de 1918 que culminaram com a abdicação imposta pelo alto comando ao então imperador Guilherme II. Apesar dos esforços de sua biógrafa e filha dileta em livro publicado em 1955 para justificar certas atitudes de seu pai, apenas comprovaria, mais uma vez, como costumam decair certos chefes militares de renome feito quando se deixam envolver pelas redes da política partidária e pelas próprias ambições pessoais de mando! Como perdem então a serenidade e como esquecem um passado de camaradagem e solidariedade militar! (1)

Não podendo ser aproveitado nos quadros restritos da nova "Reichswehr", Groener reformou-se como muitos outros generais do velho exército imperial. Chamado para atuar politicamente como ministro das Comunicações e depois como ministro da Defesa Nacional e do Interior, sentiria renascer suas aspirações de mando, no que nunca encontraria ambiente junto à oficialidade do novo exército, nem mesmo da parte daqueles de tendências as mais democráticas. Por isto pas-

(1) Dorothea Groener-Geyer, **GENERAL GROENER**. — Soldat und Staatsmann. — Societäts — Verlag, Frankfurt a. M. 1955.

saria a lamentar sempre a estrutura apolítica de "grande mudo" dada à "Reichswehr" por seu organizador General Hans von Seeckt (1866-1936), chefe da direção do exército entre 1920 e 1926 e que gozara do integral apoio de Otto Gessler, antecessor de Groener entre 1920 e 1928 como ministro da Defesa Nacional.

Fracassando em todos os seus esforços em transformar o novo exército alemão organizado por von Seeckt numa arma de sua política pessoal e não exclusivamente da defesa nacional, Groener sempre criticou acerbamente ao seu antecessor Gessler e a von Seeckt. Criticaria depois irreverentemente ao seu subordinado administrativo General Wilhelm Heye, sucessor de von Seeckt entre 1926 e 1930, por tolerar este aos anseios inovadores dos oficiais mais jovens, entre os quais, os mais marcantes seriam aqueles relacionados com os estudos sobre a nova tática de contingentes rápidos de blindados!

No entanto, nem mesmo os recalques de Groener e de muitos outros, surgidos após esta 2ª Guerra Mundial de 1939 a 1945, poderão negar os grandes méritos de von Seeckt como oficial de estado-maior modelar e eficiente, como planejador e como organizador, nem sua notável habilidade no trato humano com superiores, companheiros e subordinados, tanto militares como civis. Seu papel quanto ao desenvolvimento das idéias mestras preparatórias visando o emprêgo de grandes agrupamentos motomecanizados na Alemanha, transformando as deficiências da "Reichswehr" num núcleo altamente especializado, treinado para a eventualidade de uma guerra conduzida segundo a maior rapidez possível operacional, é reconhecido por Liddel Hart e até por De Gaulle, ao citarem ambos o não menos famoso livro "Gedanken Eines Soldaten" (Pensamentos de um soldado), divulgado por von Seeckt em 1929, verdadeiro resumo de suas concepções militares dentro dos quadros vigentes na então República de Weimar, sem fugir acintosamente às imposições do Tratado de Versailles. (2)

De Gaulle cita seu nome ao lado dos de Fuller e Liddel Hart, os pioneiros ingleses do emprêgo de blindados segundo os novos princípios e do General Douhet, o pioneiro italiano do emprêgo do bombardeio aéreo maciço como elemento de decisão, a fim de exaltar suas próprias idéias de 1934, contidas em seu "Vers L'Armée de Métier". Assim, encontraremos em suas memórias de 1951 textualmente que "o general von Seeckt em seu livro, aparecido em 1929, evocara as possibilidades que um exército de qualidade, — isto é, a Reichswehr de 100.000 homens servindo a longo prazo, — poderia ter em relação aos de grandes massas sem coesão". De Gaulle chega a confessar, mais que claramente, que seu plano esboçado em 1934 "tentara reunir tais concepções fragmentárias, mas convergentes, num todo e em proveito da França". (3) É por isto que "Vers L'Armée de Métier" se

(2) General Hans von Seeckt, **GEDANKEN EINES SOLDATEN**. — Verlag fuert Kulturpolitik, Berlim 1929.

(3) Général Charles De Gaulle, **MÉMOIRES DE GUERRE**. — L'Appel 1940-1942. — Librairie Plon, Paris 1954. — Librairie Plon, Paris 1954. — Pág. 17.

nos aparece como que uma concepção francesa, baseada em idéias inglesas de Fuller e Liddel Hart e argamassada pela essência do conteúdo das do alemão von Seeckt, conforme se apresentam estas em "Pensamentos de um Soldado", em 1929!

Devemos também a Liddel Hart, graças às suas pesquisas amplamente divulgadas, principalmente em seu livro "The other side of the hill" de 1948, já referido diversas vezes aqui, o reconhecimento da obra de von Seeckt, inclusive seus "Pensamentos de um soldado", sobre a evolução da tática alemã e sua influência decisiva sobre o emprêgo da nova arma de blindados, no quadro das tropas ligeiras motomecanizadas. Como Tenente-Coronel de Estado-Maior, von Seeckt começou a se destacar já na execução dos trabalhos da mobilização alemã em 1914. Fizera a campanha da França junto a uma das grandes unidades alemãs da extrema envolvente da ala direita até ao insucesso estratégico assinalado pela batalha do Marne. No ano seguinte, quando o comando supremo decidira tentar uma manobra de ruptura, de objetivos limitados, na frente russa e num setor austro-alemão que acabara de sofrer sérios revezes, fôra designado, já como Coronel, como chefe do Estado-Maior do famoso e audaz cavalariano da época, o depois generalfeldmarechal August von Mackensen (1849-1945), um dos heróis da brilhante "Cannas" conseguida um ano antes em Tannenberg, junto aos lagos Madurianos, na Prússia Oriental.

Foi graças a esta oportunidade que o deslocara do Oeste, onde começara a tomar forma a verdadeira guerra de sítio, com uma estagnação geral da frente, entre o canal da Mancha e a Suíça, sem grandes possibilidades manobreiras, nem mesmo de ruptura tática ou estratégica, que von Seeckt pôde planejar o protótipo da manobra de ruptura estratégica de 1940, executada cerca de 25 anos depois em Sedan, pelos blindados de Guderian. Entre 1 e 3 de maio de 1915, após um deslocamento bastante sigiloso de elementos trazidos do Oeste por via-férrea, deslocamento magistralmente executado pelo General Groener então chefe imperial alemão dos serviços de estradas de ferro de campanha, (4) iniciara-se a batalha vitoriosa de Gorlice-Tarnow, com a qual von Seeckt conseguira o rompimento completo da frente russa czarista, entre os Carpatos e o Vistula, ao Sul de Cracau, na antiga Galícia austríaca. Usando de processos táticos inteiramente diversos dos em voga no Oeste, estudara-se bem a situação até descobrir pontos "amolecidos" dos entrincheiramentos tríplexes inimigos, fortemente organizados, mas humanamente pouco eficientes, para um ataque de tipo infiltração com um agrupamento misto austro-alemão maciço e esplendidamente preparado para a manobra de ruptura visada. A extensão do teatro de operações e a falta de continuidade e coesão existentes nos diversos grupos de exército czaristas, dominados pelo com-

(4) General Constantin von Altmann, **TAKTIK UND TRUPPENFUEHRUNG IN KRIEGSGESCHICHTLICHEN BEISPIELEN.** — Ver o resumo da execução destes transportes ferroviários, Págs. 163 a 168.

plexo do perigo do envolvimento da parte dos alemães desde o desastre de Tannenberg, permitiam maior mobilidade operativa aí que no Oeste. O sucesso dêste empreendimento planejado pessoalmente por von Seeckt ultrapassou então às expectativas mais otimistas, pois o ataque penetrou profundamente nas posições inimigas e se não chegou a produzir um sucesso decisivo completo, o foi apenas pela falta de meios suplementares mais rápidos e pelo excesso de prudência do comando superior alemão exercido do Oeste pelo General von Falkenhayn, antecessor de von Hindenburg e Ludendorff!

A rapidez da progressão no setor de Gorlice, fato então inconcebível para os combatentes no Oeste estagnado, resultante desta ruptura de cerca de 40 km da frente czarista e obtida pela surpresa integral, após cuidadosa exploração aérea em profundidade, somente teria provocado uma nova "Cannae", se a cunha que separara praticamente em dois conglomerados os exércitos inimigos, já naquela época, dispusesse de tropas rápidas como os blindados de 1940! Dificuldades de locomoção da artilharia e dos comboios de reabastecimento, todos hipomóveis, em estradas precárias, dariam tempo aos russos para organizarem-se em posições novas de acolhimento, cerca de 150 quilômetros atrás das primitivas, permitindo aos mesmos retirarem-se quase em debandada da armadilha do saliente polonês, entre Varsóvia e Brest-Litowsk. Só assim conseguiram escapar ao perigo de um novo envolvimento aniquilador como o de Tannenberg! Do ponto de vista moral as consequências da ruptura de Gorlice seriam incalculáveis, pois além de custar cerca de 100.000 prisioneiros, deixados em mãos do vencedor, criaria o pânico no alto comando russo e em sua Corte czarista, minando sua confiança na vitória e favorecendo sobremodo à agitação revolucionária que, em 1917, provocaria a derrocada geral do regime e a ascensão ao poder dos bolchevistas! É que então a Rússia czarista combatia de fato em duas frentes, a externa contra os exércitos alemães e a interna, promovida pela referida agitação, dissolvente e derrotista como já o fôra quando da guerra russo-japonêsa!

Promovido a General, já cercado de crescente prestígio militar e até visado pela ciuemeira de alguns dos mais influentes companheiros junto ao alto comando alemão, inclusive da parte de Ludendorff, von Seeckt provaria achar-se integralmente imbuído da verdadeira essência da obra de von Schlieffen, seu mestre, cujos ensinamentos operativos soubera assimilar e desenvolver de acôrdo com a realidade das circunstâncias do momento. Novas oportunidades, em situações bastante difíceis, sempre como chefe de Estado-Maior, tanto na Bucovina ao lado de comandos austro-húngaros, como na Macedônia novamente com von Mackensen, e ainda na Turquia junto ao respectivo altocomando na Mesopotâmia e na Palestina, às vésperas da derrocada final do Império Otomano em plena desagregação, retemperaram suas qualidades a tal ponto que, seu nome chegaria a ser lembrado para suceder Ludendorff, em outubro de 1918. Somente o fato de achar-se empenhado nos Balcãs meridionais o livraria de uma convocação para

responsabilidades dolorosas e ingratas, como as que caberiam então ao General Groener, de ter que planejar o retraimento geral dos exércitos alemães no Oeste, na fase final daquela guerra perdida!

De volta à Pátria, onde reinava o desespero, o caos econômico, político e social, além da ameaça de uma bolchevização geral, assumiria von Seeckt o comando de um dos setores da defesa das fronteiras orientais contra incursões de bandos irregulares de poloneses e até de bolchevistas. Exatamente a atitude então tomada ao longo daquelas fronteiras por oficiais e sargentos desmobilizados do antigo exército imperial, auxiliados por corpos de voluntários e patriotas que preferiam continuar lutando aí, mesmo sem sôlido e sem os recursos materiais que o governo provisório republicano de Bérlim não lhes podia fornecer, envolto que estava êste por ameaças internas, provocadas pela ação revolucionária de extremistas da esquerda, acabariam obrigando à maioria moderada social-democrata governamental a abandonar o dogmatismo partidário primitivo, favorável à criação de uma milícia nacional politizada e com chefes eletivos, em benefício da necessidade praticamente demonstrada da manutenção do exército permanente antes tão combatido!

Jornadas sangüinárias provocadas por conselhos de operários e ex-soldados em Munich, o golpe de estado tentado em Berlim pela minoria extremista do partido social-democrata, os "espartaquistas", agrupamento comunista chefiado por Karl Liebknecht (1871-1919) e Rosa Luxemburg (1870-1919), ambos mortos na ocasião, sômente haviam sido dominados a custo de ingentes sacrifícios de corpos de voluntários, corpos livres como os acima citados, em ação conjunta com a polícia e sob o comando do político social-democrata Gustav Noske, ministro provisório da Defesa Nacional. Isto tudo levaria ao chefe do partido Friedrich Ebert (1871-1925), como primeiro presidente da República de Weimar de 1919 a 1925, a decidir-se pela reorganização de uma força armada permanente, com as mesmas tradições de disciplina e de senso do dever do antigo exército imperial, a fim de manter o prestígio e a segurança do novo regime, novamente ameaçado em março de 1920 pelo chamado golpe ou "putsch" de tendências monárquicas restauradoras e chefiado pelo teuto-americano Wolfgang Kapp (1858-1922) e alguns oficiais superiores. (5) Foi por isto que, ainda em 1920, o próprio presidente Ebert escolheria von Seeckt para organizar a nova "Reichswehr" nacional, segundo as normas impostas pelo Tratado de Versailles. Precisava o governo de um chefe militar de real valor e que não estivesse comprometido nem mesmo perante o consenso popular como possível responsável pelo resultado infeliz da guerra.

(5) Dorothea Groener-Geyer, **GENERAL GROENER**. — Págs. 367 e 368.